8
Considerações Finais

> *(...) Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado que transcende aquela biografia: é o nosso trabalho, e muito belo seria dizer, a nossa luta.*
>
> *Ecléa Bosi*

Um dos maiores desafios dessa tese foi mostrar como o diálogo com as mais diversas linguagens que me formaram foi transformado no cotidiano da Brinquedoteca Hapi, em práticas que buscavam re-apresentar aspectos que foram fundamentais na constituição de minha subjetividade e que deram contorno a uma certa visão de mundo.

A imagem fotográfica mostrou guardar em si muitos segredos, levantando uma série de reflexões que levaram à constatação de que o uso desse tipo de registro era uma forma especial de interpretar e narrar os acontecimentos.

> Como meio, a fotografia dialoga com a realidade que pretende representar, com o contexto sócio-cultural e com os sujeitos envolvidos no ato fotográfico. Ao mesmo tempo, a mediação propiciada por este meio favorece a revelação de subjetividades, a explicitação das diferentes formas de ver o mundo e a percepção das influências históricas e culturais implícitas na construção do olhar. (Lopes, p. 235)

Ao longo da pesquisa, identifiquei que a fotografia fez parte de minha vida desde cedo e que a apropriação do ato fotográfico marcou minha relação com outras linguagens e favoreceu o exercício de buscar a construção de sentidos, a rememoração e o diálogo.

Pasolini (1990) chamou a atenção para a existência de uma "linguagem pedagógica das coisas", ou seja, para a capacidade dos objetos de, como signos linguísticos, expressarem outra dimensão da realidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610588/CB

> As primeiras lembranças da vida são lembranças visuais. A vida, na lembrança, torna-se um filme mudo. Todos nós temos na mente a imagem que é a primeira, ou uma das primeiras, da nossa vida. Essa imagem é um signo, e, para sermos exatos, um signo lingüístico comunica ou expressa alguma coisa. (...) Mas se nos objetos e nas coisas cujas imagens ficam gravadas na minha lembrança, como as de um sonho indelével, se condensa e se concentra todo um mundo de "memórias" que essas imagens evocam num só instante, se, noutras palavras, esses objetos e essas coisas são continentes dentro dos quais se abriga um universo que deles posso extrair e observar, ao mesmo tempo, esses objetos e essas coisas são também algo mais que um continente. (p. 125-126)

Para o autor, o conteúdo ideológico da realidade está expresso não só nas palavras, mas também nos próprios objetos, no corpo e nos gestos. E nesse sentido, Bosi (2003a) tem razão ao lembrar que, para nos apropriarmos criticamente deste conteúdo, precisamos estar atentos, pois:

> A costureira deixa cair retalhos de tecidos de todas as cores no chão. O marceneiro, pedacinhos de madeira. A cozinheira faz um desenho com os grãos de feijão que escolhe na mesa, e quem varre a casa pode dançar com a vassoura. É do cotidiano que brota a magia, a brincadeira que vai transformando uma coisa em outra... Abra os olhos e apure os ouvidos. É só prestar atenção. (...) Você testemunha grandes e pequenos episódios que estão acontecendo à sua volta. Um dia será chamado a contar também. Então verá que o tecido das vidas mais comuns é atravessado por um fio dourado: esse fio é a história. (p. 10).

Como coordenadora da Brinquedoteca Hapi, tentava re-apresentar alguns caminhos que percorri ao longo da vida, oferecendo oportunidades para que o público entrasse em contato com inúmeras experiências lúdicas. Meu objetivo era favorecer a construção de um olhar mais dialógico e foi nesse sentido que, junto com a equipe, foi criada uma pedagogia com contornos próprios que manteve-se sempre fiel ao objetivo de valorizar a brincadeira, uma *pedagogia da ludicidade* mas também, porque não afirmar, uma *pedagogia da imagem.*

No entanto, não foi facil fundamentar essa afirmação, pois o ato de brincar é, em si, um mundo aberto e incerto. Como afirma Brougère (1995):

> Não se sabe, com antecedência, o que se vai encontrar: a brincadeira possui uma dimensão aleatória. Nela encontramos o acaso ou a indeterminação, resultantes da complexidade das causas que estão em ação. É um espaço que não pode ser totalmente dominado de fora. Toda coação interna faz surgir a brincadeira... toda coação externa arrisca-se a destruí-la. (p.103)

Mas as fotos, e as rememorações por elas evocadas, permitiram-me percorrer vários fios entrecruzados, que levaram-me a identificar pelo menos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610588/CB

quatro formas diferentes e complementares de agir: o favorecimento das brincadeiras simbólicas; a transmissão de brincadeiras tradicionais; o incentivo aos jogos e a proposição de várias atividades lúdicas temáticas.

São ações que têm como eixo o brinquedo e a brincadeira, mas que são marcadas por desdobramentos distintos. As brincadeiras simbólicas partem da escolha e da decisão das crianças e supõem um acordo sobre papéis e atitudes a serem assumidos. Envolvem códigos verbais e não-verbais que sinalizam que a situação imaginária vai começar. As regras não estão, portanto, pré-estabelecidas, mas são construídas no seu desenrolar; só têm valor, se forem aceitas por aqueles que brincam e só podem ser transformadas mediante negociações entre os parceiros. Não há como prever aonde vão chegar nem que tipos de aprendizagens serão proporcionadas, pois depende da interação dos sujeitos que brincam.

As chamadas brincadeiras tradicionais aproximam-se mais dos jogos do que das brincadeiras simbólicas, mas também envolvem situações imaginárias que se entrelaçam e se misturam. Exigem regras pré-estabelecidas que precisam ser conhecidas por todos os que delas vão participar. Algumas percorreram séculos e mantiveram a mesma estrutura; outras sofreram mudanças e se atualizaram. Os jogos partem desses mesmos princípios e se manifestam de várias maneiras. Podem exigir suportes externos como um tabuleiro, por exemplo, ou apenas uma regra que organize o seu desdobramento.

As atividades lúdicas temáticas quase sempre são propostas pelos adultos com o objetivo de abordar um conteúdo específico. Podem partir de um brinquedo ou da linguagem lúdica, mas a decisão já foi tomada de antemão. Admitem algumas transformações sugeridas pelos participantes, mas procuram manter-se num eixo condutor.

Em todas essas experiências lúdicas é possivel “provocar as ideias” e ampliar o olhar para o mundo, mas, nesse sentido, a escolha do acervo é fundamental, pois os objetos são carregados de história e sua diversidade garante que vários pontos de vista sejam postos em jogo. No entanto, para que isso de fato aconteça, a organização do espaço é igualmente importante. Como vimos, a maneira como os brinquedos ficam dispostos no ambiente favorece ou não a apropriação de crianças e adultos, pois como sinaliza Bosi (2009), “um objeto vai ganhando concreção à medida que outras pessoas dele têm conhecimento e se comunicam com a criança, reafirmando sua presença.” (p.406) A autora nos ajuda

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610588/CB

ainda a refletir sobre o que vem a ser um ambiente acolhedor: “Será ele construído por um gosto refinado na decoração ou será uma reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhadas por uma luz de outro tempo?” (p.74)

Para Benjamin (2006), o colecionador pode tornar a história presente por meio de objetos. Os brinquedos e outros suportes podem assumir também esse papel na brinquedoteca:

> O verdadeiro método de tornar as coisas presentes é representá-las em nosso espaço (e não nos representar no espaço delas). (Assim procede o colecionador e também a anedota). As coisas, assim representadas, não admitem uma construção mediadora a partir de “grandes contextos”. Também a contemplação de grandes coisas do passado – a catedral de Chartres, o templo de Paestum – (caso ela seja bem sucedida) consiste, na verdade, em acolhê-las em nosso espaço. Não somos nós que nos transportamos para dentro delas, elas é que adentram nossa vida. (p.240)

No entanto, não basta que uma coleção de objetos esteja presente, temos que conhecer suas histórias e este é um dos problemas que aproximam as brinquedotecas dos museus, pois “os objetos estão lá como palavras em estado de dicionário, mas a língua não é o dicionário. A articulação das palavras num conjunto pleno de significado vai além do dicionário, assim como a articulação dos objetos num discurso próprio e pleno de sentido vai além das coleções, dos inventários e das reservas técnicas.” (Chagas, 2001, p. 36)

O desafio das brinquedotecas e dos museus é o de se consolidarem como espaços de relação que operam “a favor da humanidade e da vida pela via do não-tangível” sem cair na armadilha de tornarem-se “arcas de acumulação de bugingangas que se cristalizam nos sobejos de morte.” (p.31) Os brinquedos na brinquedoteca são como os acervos dos museus:

> Os museus e as coleções não cabem mais nas molduras douradas ou no cabide dos manuais técnicos, cabem na entrelinha da canção da vida. Os museus e as coleções cabem nas molduras e cabem nos cabides, quando os próprios cabides e molduras são revisitados e ganham novas dimensões, novos significados, novas possibilidades de resistência e de luta. Os museus e as coleções transitam entre o abstrato e o concreto, entre o material e o espiritual, entre o virtual e o não-virtual, entre o real e a ficção, ente a poesia e a embalagem de bom-bril. (Chagas, 2001, p. 27)

Ao analisar o acervo, as atividades proporcionadas e os espaços que abrigaram a Brinquedoteca Hapi ao longo de sua história, pude identificar que a direção daquele projeto estava organicamente ligada à intenção de trocar com

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610588/CB

outras pessoas as memórias positivas que tinha de minha infância, mas não só isso. A consciência de saber que nem todas as infâncias desenrolam-se da mesma maneira, e a vontade de que algumas dessas experiências narradas pudessem ser compartilhadas, eram as bases que inspiravam minha prática como coordenadora. Havia, portanto, uma intenção política muito clara.

As crianças que a frequentavam, seus pais, avós, professores e babás, assim como os outros adultos que encontrei nos cursos de formação, fizeram com que estivesse sempre disposta a descobrir signos perdidos, caminhos e labirintos que pudessem ser retomados e histórias que pediam para ser continuadas. Minhas intervenções tinham como desafio recuperar para o futuro os desejos que não se realizaram, as pistas abandonadas, as trilhas não percorridas. Recusava-me a me render a um futuro inexorável e pensava constantemente naquilo que poderia ser lembrado, revigorando a tradição sem perder de vista o que o novo me trazia.

Ao mergulhar no cotidiano da brinquedoteca, ficou claro que minha própria história se constitui por elementos que estão presentes na vida e na memória de outras pessoas e, nesse sentido:

> não só a memória é uma prática social como a identidade é construída nas relações entre sujeitos. Cada história individual está inevitavelmente enredada em várias histórias, formando a dimensão coletiva de cada experiência pessoal. (Jobim e Souza, 1998, p. 40)

Minha narrativa escrita funcionou como legenda para as fotografias e permitiu pensar sobre a trajetória de consolidação das relações afetivas estabelecidas no meio familiar e na brinquedoteca. Na busca pela valorização da infância e do ato de brincar, a brinquedoteca foi construída coletivamente como um espaço de pesquisa, diálogo e interação entre pessoas de várias idades e origens sociais cujos resultados eram compartilhados por meio da linguagem fotográfica. A integração da brincadeira com a linguagem visual, oral e escrita permitiu que potencialidades fossem descobertas, desejos instigados e outras maneiras de olhar para si reveladas. Desta forma, foram criadas modalidades de um trabalho pedagógico onde o diálogo com o público e a troca de experiências eram fundamentais para a formação permanente da equipe.

Parti do bordado formado por aqueles novelos que revelavam minha própria história, e, com certo receio, lancei-me na aventura de revisitá-la. O

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610588/CB

desafio foi registrar minhas memórias para compreendê-las e apresentá-las mais sistematicamente. E assim como fazia minha avó Fridy com os babadores, precisei virar, de “cabeça para baixo”, o desenho que se formou a partir de minhas rememorações. Para compreender esse percurso, tive, portanto que escovar minha própria história a contrapelo. (Benjamin, 1985, p.225)

E se, no início, duvidei da importância desse caminho, ao longo da pesquisa, ficou evidente o quanto a reflexão sobre minhas ações fazia emergir ideias capazes de inspirar outros projetos e outras brinquedotecas.

Ao refletir sobre todos esses fragmentos que emergiram das fotos, mas que as ultrapassaram, sinto certa frustração ao pensar em vários outros que não foram registrados ou que, em função dos objetivos desse trabalho acadêmico, não vem ao caso mencionar.

A sequência que vem a seguir retoma o mosaico do Balão Vermelho para mostrar que, ao contrário do filme, que mostra adultos que negam e rejeitam o brinquedo encontrado por Pascal e meninos que o invejam e o atacam, destruindo-o; nas brinquedotecas, é possível favorecer escolhas e provocar que os adultos olhem, respeitem e compreendam o que essas preferências significam para que o direito à brincadeira seja garantido e valorizado por todos.

Figura 152: Caio escolhe e brinca com seu Balão Lilás

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610588/CB

O reconhecimento do público para esse tipo de trabalho foi demonstrado na manifestação organizada contra o fechamento da Brinquedoteca Hapi, em frente ao Palácio do Catete, que já foi palco de muitas outras reivindicações políticas[34], no dia 12 de outubro de 2005, Dia das Crianças.

Figura 153: Manifestação contra o fechamento da Brinquedoteca Hapi

A reportagem feita por Carolina Freitas para o Portal Cidadania[35] resume bem a reação e participação de crianças e adultos que estavam presentes:

> *O 12 de Outubro das crianças do bairro do Catete, na Zona Sul do Rio, teve um ar de protesto este ano, quando os pequenos uniram suas vozes a cerca de 100 pais e educadores para pedir a permanência da Brinquedoteca Hapi no Museu da República. (...) O resultado foi uma passeata colorida por bandeiras, fantasias e cartazes escritos pelas próprias crianças. O grupo percorreu o pátio até a frente do Museu da República, entoando cantigas infantis e pedindo o não fechamento da brinquedoteca, que hoje atende a 80 sócios, além de receber visitas de escolas, creches e pesquisadores da área de Educação.*

[34] O Palácio do Catete foi durante 63 anos, o coração do Poder Executivo no Brasil. O Museu da República foi inaugurado em 15 de novembro de 1960, após a transferência da capital para Brasília.
[35] Site www.cidadania.org.br

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610588/CB

Como resultado imediato deste protesto, conseguimos estender por mais um ano nossa permanência no coreto e, nesse intervalo, várias decisões importantes e encaminhamentos práticos puderam ser tomadas, como já havia mencionado antes.

Entretanto, quando resolvi que não guardaria comigo a angústia que estávamos vivendo com aquela situação, não previa que toda essa mobilização aconteceria. Uma verdadeira rede de solidariedade foi criada por pessoas direta ou indiretamente ligadas ao espaço e passei a receber mensagens as mais diversas que me "abriram os olhos" para a importância do que havíamos construído e para a necessidade de narrar, no sentido benjaminiano, essa experiência. Para ele, "esta não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila." (1989, p.107)

Ao percorrer todo esse caminho que agora chega ao fim, posso mostrar que, em função de minha infância, dos atalhos pelos quais me enveredei pela vida afora, da formação em história, da passagem por alguns preceitos da antropologia, da imersão na educação e na psicologia e do contato com todos aqueles que participaram de alguma forma da Brinquedoteca Hapi, este projeto ganhou um contorno específico. Ao longo do tempo, foi assumindo cada vez mais uma proposta que se articulava com o que pode ser entendido como preservação do patrimônio não-tangível. O jogo das pedrinhas, ou Cinco Marias – popular no Brasil e em Portugal, nas antigas Roma e Grécia – traduz com ludicidade o argumento apresentado por Mário Chagas (2005), um especialista na área dos museus:

> Pela presença ou pela ausência, pela preservação ou pela destruição importa que o patrimônio cultural – corpo portal imaginário – seja atravessado por múltiplas linhas de força e poder, por tradições, contradições, conflitos e resistências; nada nele é natural, mesmo se chamado de natural; tudo é mediação cultural. (...) Esse jogo milenar pode ter, como tem no meu caso, enorme potência evocativa de lembranças. Guardar cinco pedrinhas (elementos de natureza), contudo, não é guardar o jogo. O jogo, que envolve tensão, atenção, movimentos e habilidades, só se guarda jogando em sociedade com outros jogadores (imaginários ou não). Sua preservação como jogo (bem intangível) está na inteira dependência do saber-fazer, rolar, subir e descer o corpo das pedras. (p. 127)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610588/CB

O percurso pelo Museu do Índio, Museu da República e Museu Casa de Rui Barbosa aproximou a Brinquedoteca Hapi das questões enfrentadas no âmbito dessas instituições. Mario Chagas (2001) aponta que:

> O museu pode ser tanta coisa... mas, entre as tantas coisas que ele pode ser interessa pensá-lo como espaço do encontro, de convivência, de cantoria, de cidadania, de resistência, de lazer e de luta, tendo como pano de fundo a memória e o esquecimento, a preservação e a destruição. Interessa compreender, de mãos dadas com os poetas, que o problema dos museus não está nas coisas e sim naquilo que lhes confere sentido, que o não-tangível é capaz de alimentar o tangível com vida e movimento e que a experiência poética no canto museu pode subverter a ordem museológica estabelecida, criar novas possibilidades de leitura e gerar admiração, estupefação e assombro e com isso produzir conhecimento ali mesmo, no coração do inesperado. (p. 36)

As características específicas da Brinquedoteca Hapi poderiam levar o leitor à conclusão de que essa experiência foi única e que, portanto, não poderia ser tomada como modelo para a criação de outras brinquedotecas. E, talvez por isso, eu mesma tenha ficado tão surpresa com a repercussão que a sua extinção provocou e tão motivada a escrever esse trabalho. Ainda na matéria de Carolina Freitas, encontramos depoimentos dos mais variados sujeitos, desde as crianças aos adultos que as representam juridicamente, como era o caso da responsável pelo Conselho Tutelar:

> *Quem mais sentirá falta da Hapi, no entanto, são aqueles que fizeram do passeio à brinquedoteca um hábito, como as amigas Maria Helena Drumond, de 11 anos, desde os 2 frequentadora do espaço, e Ana Luiza da Silva, 12, que vai ao coreto desde os primeiros meses de vida. A amizade das meninas começou na Hapi e se mantém até hoje em meio a jogos educativos e conversas no pátio do museu. Ana, fantasiada de noiva para a manifestação, explicou o porquê de seu pedido: "Seria muito triste não ter a brinquedoteca. Quando eu soube que ia fechar, não acreditei. Até que peguei uma carta da Hapi explicando tudo, levei para a casa e li para a minha vó em voz alta. Quando entendemos, choramos juntas.*
> *(...) A conselheira da Zona Sul Priscila de Melo Basílio acompanhou a manifestação e falou sobre a função da Hapi: "Sabemos que eles recebem, além dos sócios, alunos de escolas públicas e de creches comunitárias, então, fechar esse espaço é tirar das crianças o direito de brincar. Essa é uma das poucas brinquedotecas abertas e acessíveis à comunidade na região e mesmo na cidade".*

Recebi por meio do correio eletrônico, mensagens de amigos, parentes e colegas que atuam como professores em várias universidades. Essas últimas, em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610588/CB

particular, faziam questão de afirmar a importância da brinquedoteca para a formação de "estudantes/professores, que com frequência visitam, observam, enfim, fazem muito bom uso desse espaço" nas palavras de Rita Ribes, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de janeiro (UERJ). Ou como aparece na fala carinhosa de Patrícia Corsino, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ):

> *Tenha a certeza de que as portas da brinquedoteca tornaram-se maiores do que as do coreto doMuseu da República.*
> *Claro que vamos perder um espaço importante parabrincar e para pensar a brincadeira. Eu particularmente vou sentir muita falta da oportunidade de mostrar às alunas da Pedagogia, da UFRJ, a importância do brincar brincando na brinquedoteca. Sem dúvida, nas visitas a Brinquedoteca, sempre tão acolhedoras e competentes, passaram a ver o brincar e os brinquedos de outra forma. Muitas janelas e portas se abriram para elas e as crianças – filhos e alunos - é que vão agradecer. Se o acervo será usado por muitas outras crianças, o que você plantou, continua dando frutos. Vejo este fechamento como uma nova abertura. Não faltam projetos para uma pessoa especial como você e que construiu uma história tão bonita nestes 16 anos de brinquedoteca.*
> *Feliz sim, porque tudo valeu a pena, já que sempre teve a alma grande e generosa*
> .

Ou como está expresso na força recebida de Claudia Pimentel com quem havia trabalhado na Casa de Rui Barbosa, quando fazia parte do "Atelier da Floresta" e que posteriormente tornou-se colega no doutorado e parceira em outros projetos:

> *Vejo você como uma profissional madura, que saberá fazer a partilha da experiência da Hapi para que sua história se multiplique. (...) Parabéns pelo trabalho realizado no Museu da República. Essa bagagem é sua e nenhuma política vai te tirar. Seria bom que no Brasil as iniciativas tivessem uma permanência maior, mas 14 anos, por outro lado, significam uma trajetória muito longa. Nesse percurso você amadureceu e continua no caminho! Isso é que é bacana.*

Tudo isso, sem falar dos conselhos, orientações e cuidados que recebi de Sonia Kramer e Maria Fernanda Nunes no encaminhamento das reivindicações, propondo a elaboração de um abaixo-assinado, amparando minhas ações e mobilizando profissionais de educação de vários lugares.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610588/CB

Patrícia Corsino, em sua mensagem, remete-se a portas e janelas abertas pela brinquedoteca, e Chagas (2005) chama a atenção para o uso da retórica que se constrói em torno da porta que “não é isso ou aquilo, ela é isso e aquilo e mais aquilo outro”.

> A retórica da porta tem seu eixo, portanto, em um deslocamento brutal e veloz de sentidos. Como porta e como corpo concreto, ela condensa valores diferentes, ancora significados distintos e múltiplos adjetivos, e encarna diferentes funções, inclusive de ser porta. (p. 125)

Essa retórica é forte e associa-se para mim àquela fotografia feita por minha avó Paulinha na Figura 59. Outra mensagem que me emocionou bastante, naquele momento de fragilidade, foi a de Maria Luiza Oswald, da UERJ, em resposta à carta que escrevi ao público explicando nossa situação:

> *li sua carta com emoção e tudo nela foi me levando à "Fábula de um arquiteto" de João Cabral de Mello Neto, principalmente a primeira parte que mando pra você como homenagem a sua prática tão bonita de "abrir portas por-onde, jamais portas-contra”.*
>
> **Fábula de um arquiteto**[36]

A arquitetura como construir portas,
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e tecto.
O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa.

Como não conhecia o poema, fui buscá-lo na íntegra e na segunda parte, encontrei o seguinte:

Até que, tantos livres o amedrontando,
renegou dar a viver no claro e aberto.
Onde vãos de abrir, ele foi amurando

[36] **Fonte:** www.academia.org.br

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610588/CB

opacos de fechar; onde vidro, concreto;
até fechar o homem: na capela útero,
com confortos de matriz, outra vez feto.

De certa forma, esse foi o movimento empreendido nessa pesquisa. Para não ficar fechada em mim mesma, *amurando os vão de abrir com concreto* e deixar que, com o tempo, esse projeto caísse no esquecimento ou ficasse restrito àqueles que puderam desfrutá-lo, tive que tornar-me *outra vez feto* e refazer toda uma história.

Hapi quer dizer *passagem*, *entrada*. A brinquedoteca, ao assumir esse nome, tinha como propósito, ser uma porta aberta para os museus. Mas seu projeto revelou-se mais amplo ao criar uma *pedagogia da imagem* e uma pedagogia própria voltada para o trabalho com crianças e adultos na preservação de um patrimônio não-tangível que é o *brincar*.

Defendo aqui a ideia de que, como lugar de encontro por exelência, as brinquedotecas deveriam ser públicas e gratuitas. Vimos que os museus são espaços privilegiados para abrigar esse tipo de proposta, que, no entanto, poderia se espalhar também para outros cantos da cidade. Em Portugal, por exemplo, essa ideia espandiu-se e as brinquedotecas vêm sendo transformadas em Centros Lúdicos que são mantidos pelas prefeituras.

Como afirma Chagas (2005) mais uma vez, “o interesse no patrimônio não se justifica apenas pelo seu vínculo com o passado, seja ele qual for, mas também com a conexão com os problemas fragmentados da atualidade, com a vida dos seres em relação com outros seres, coisas, palavras, sentimentos e ideias.” (p.132)

Para que as brinquedotecas possam ampliar suas possibilidades de articular “memória, esquecimento, resistência e poder, perigo e valor, múltiplos significados e funções, silêncio e fala, destruição e preservação”, há que se desenvolver políticas públicas que fundamentem-se na valorização da infância e do direito de brincar.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610588/CB